O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 417

21 DE JULHO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

As lettras portuguezas perderam n'esta semana passada um dos seus mais brilhantes cultores, um d'aquelles em que se baseavam as mais justificadas esperanças — o infeliz e mallogrado escriptor e medico o sr. José Augusto Vieira.

O sr. José Augusto Vieira era um espirito delicadissimo, um artista primoroso e se da sua rapida passagem pelo mundo não deixa uma avultada bagagem litteraria, deixa tres obras notabilissimas que caracterisam brilhantemente os altos dotes d'aquelle talento tão fino, tão observador, de que havia todo o direito a esperar maravilhas, esperanças que desgraçadamente a morte não deixou realisar, maravilhas que não deixou cumprir.

Essas tres obras chamam-se *As phototypias do Minho*, a *Divorciada* e o *Minho pittoresco*.

As *Phototypias do Minho* são um delicadissimo estudo de costumes minhotos, costumes da sua terra natal, que Vieira escreveu quando ainda estudava medicina na Escola do Porto; a *Divorciada* é um romance moderno, um romance feito com notavel observação e primorosa arte, uma estreia que deixava adivinhar um futuro mestre. — o *Minho Pittoresco* a sua obra de maior folego é ao mesmo tempo um guia do viajante, e umas impressões de viagens, feitas com uma simplicidade, uma elegancia e um bom humor que aqui e ali fazem lembrar o grande Garret.

São estas as tres obras que deixou esse talentoso e excellente rapaz que a morte roubou aos 34 annos, em plena mocidade, com uma crueldade inaudita martyrisando-lhe as ultimas horas com todas as torturas mais angustiosas, a de abraçar a sua adorada esposa, a de beijar os seus queridos filhos, sabendo-se irremediavelmente perdido, sabendo-se condemnado á morte sem apellação nem aggravo.

Porque José Augusto Vieira morreu da tysica e era medico; isto é, desde os primeiros symptomas da doença que o torturou tres mezes, comprehendeu o mal que o minava, e comprehendeu que esse mal não tinha remedio.

E pensando dia a dia, o desgraçado medico não só não tinha a inconsciencia do seu mal, que tem os profanos da sciencia, essa esperança da melhora, da vida, que acompanha sempre até ao ultimo momento aquelles que a sciencia condemna, e que desconhecem essa condemnação, mas sabendo a marcha terrivel d'essa doença tão conhecida, sabia o caminho que tinha a galgar, até a morte lhe dar o descanço final, sabia todos os passos que tinha que dar n'essa via dolorosa, vendo approximar-se a morte semana a semana, primei-

ESCOLA PRATICA DE ARTILHERIA EM VENDAS NOVAS

LIMPEZA DE GADO DE UMA BATERIA DE CAMPANHA EM BIVAQUE

(segundo photographia)

ro, depois dia a dia, depois hora a hora, depois minuto a minuto, e vendo-a approximar-se nos braços de sua amantissima esposa, ao lado de seus adorados filhos, cercado de todos aquelles a quem elle queria e que o estremeciam.

E digam-me se ha tortura maior que esta, se ha martyrio que a este martyrio se possa comparar.

Finalmente a morte veio, e o infeliz rapaz, o mallogrado escriptor lá foi dormir o somno eterno para o seu querido Minho, para o Minho onde nasceu, para o Minho que elle adorava, para o Minho de que foi um dos mais brilhantes historiadores.

José Augusto Vieira, falleceu no dia 13 do corrente e fazia 34 annos no dia immediato, no dia 14.

Esse dia do seu anniversario que deveria ser um dia de festa para a familia que o idolatrava, foi um medonho dia de lagrimas e de dôr.

N'esse dia esposa e filhos tiveram que separar-se do marido e do pae, que mettido n'um caixão, lá foi acompanhado pelos cadaveres de dois filhinhos, que em Lisboa lhe tinham morrido, para o cemiterio de Valença, da sua terra, onde vae dormir o grande somno!

*
* *

A instituição do jury nas causas crimes é uma grande e civilisadora instituição de certo, mas está carecendo urgentemente de importantes e radicaes modificações.

Dia a dia se conhece esta necessidade e toda a gente está concorde no reconhecimento dos defeitos que a pratica mostra todos os dias, eloquentemente, escandalosamente mesmo muitas vezes, e entre tanto ninguem dá um passo para corrigir esses defeitos, para reformar essa instituição.

Pois precisa bem d'isso.

O jury entre nós tem provado muito mal e pollulam os exemplos. Nem o publico, nem a imprensa de Lisboa liga grande importancia ao movimento dos tribunaes: as causas crimes, a não ser excepcionalmente uma ou outra que se impõe pela sua natureza, pela bulha que fez o crime, pela sensação que produziu, á attenção do publico, passam desapercebidas: os jornaes limitam-se a noticiar em duas linhas, e quando noticiam, o resultado do julgamento e não se falla mais n'isso. Se se fallasse, se a imprensa de Lisboa fizesse o que faz a imprensa de Paris e de Madrid, que tem redactores especiaes para a secção dos tribunaes, se todos os julgamentos fossem minuciosamente tratados, o publico muito melhor apalparia as inconveniencias, as anomalias, as injustiças flagrantes que, quasi todos os dias, demonstram a defeituosa instituição do jury, injustiças inconscientes queremos crêr, que não vem de modo nenhum da menos honestidade ou seriedade dos julgadores; mas sim da sua falta de competencia intellectual e moral para poder julgar da culpabilidade ou não culpabilidade dos réus submettidos ao seu *veredictum*.

Ultimamente, na semana passada, foi julgado na Boa-Hora em audiencia de jury um homem que era accusado de dar maus tratos a um seu filho, que morreu no Hospital.

Morreu d'esses maus tratos?

Uns dizem que sim, outros dizem que não, que o infeliz morreu de tuberculose, mas n'esse caso mesmo, averiguou-se se os maus tratos, se as pancadas, o mau passadio não aggravaram a doença, não apressaram o seu desenlace, ou mesmo não provocariam o seu desenvolvimento?

Não sabemos nada d'isso, mas o que sabemos é que esse homem foi absolvido pelo jury!

Repetimos, nem por sombras pômos em duvida a honestidade, a boa fé, a consciencia com que o jury deu esse *veredictum* absolutorio, mas do que duvidamos, dada a maneira de organisar esse jury, é da competencia intellectual e moral de muitos dos cidadãos que pela lei são chamados a ser julgadores dos seus compatricios. A lei dos jurados precisa ser revista e emendada com todo o cuidado, porque de contrario é muito preferivel o julgamento dos crimes estarem ao arbitrio d'um homem só, d'um juiz que tem obrigação de possuir um desenvolvimento intellectual e conhecimento das leis, do que sujeito ao arbitrio da ignorancia, da falta de intelligencia, do errado criterio de meia duzia de sujeitos, que podem ser muito boas pessoas, muito honradas, muito dignas, mas que não estão á altura de comprehender onde começa e onde acaba a responsabilidade criminal.

*
* *

As duas camaras deram finalmente a sua sancção á creação do ministerio da Instrucção Publica e Bellas Artes, feita por decreto dictatorial de 5 de Abril ultimo.

Folgamos sinceramente que assim fosse, porque de ha muito conhecemos como toda a gente a necessidade de se pensar a serio na instrucção publica e nas Bellas Artes, e de tirar a direcção d'esses negocios tão importantes do ministerio do reino, um ministerio essencialmente politico e onde, como não pode deixar de ser, a pol tica absorve todas as attenções dos ministros encarregados d'essa pasta.

Desejariamos mais ainda do que se fez; desejariamos que o ministerio da Instrucção Publica e Bellas Artes fosse por accordo entre todos os partidos considerado fora da politica e que a sua administração superior não estivesse ao acaso dos vae vens dos partidos, como por exemplo foi certo tempo em França o ministerio dos correios.

O grande mal de toda a nossa administração publica é o demonio da politica, da politica que além de absorver muito tempo aos ministros, os atira para fora das suas secretarias quando elles trabalham activamente na reforma dos serviços a seu cargo.

Depois vem outro ministro e sem esperar pelos resultados da reforma do seu antecessor, reforma essa reforma; depois vem outro torna a desmanchar o que está feito para fazer de novo e assim goram muitas vezes as organisações mais bem pensadas e que melhores fructos poderiam e deveriam dar.

O novo ministerio está a cargo d'um ministro novo tambem, que é uma das mais brilhantes capacidades intellectuaes da nossa terra e de cujo talento notabilissimo e excepcionaes faculdades de trabalhador infatigavel e persistente ha tudo a esperar.

Na camara dos pares, na discussão da creação do ministerio de instrucção publica pronunciaram-se tres discursos realmente notaveis, o do respectivo ministro, que como toda a gente sabe, é um dos mais prestigiosos e eloquentes dos nossos oradores parlamentares, o do sr. Bernardino Machado que foi um discurso cheio de notavel erudição e de profundo conhecimento do assumpto em que o illustre parlamentar é de ha muito mestre, e o discurso do sr. Jayme Moniz, que foi perfeitamente um discurso monumental, uma d'essas orações celebres que marcam epoca nos annaes d'um parlamento.

Felicitamos vivamente o grande orador, o brilhantissimo professor cujo talento extraordinario e eloquencia prodigiosa estamos habituados a admirar ha muito tempo, ha 23 annos desde os bancos das aulas do curso superior de lettras onde tivemos a honra de o ter por mestre.

*
* *

Não queremos fechar a nossa chronica sem fallar das duas novidades theatraes da epoca — o *Barba Azul*, por curiosos no theatro da Avenida, e o *Reino das mulheres* no theatro da rua dos condes.

O *Barba Azul*, não foi só por curiosos, foi por curiosos e actores.

Entre estes havia a novidade de Cinira Polonio no papel de Carlota, e agradou-nos muito a gentil diva da Trindade na intrepetração d'esse papel, em que tinha o escolho d'um confronto terrivel.

Cinira fez com muita desenvoltura o papel, acentuou muito o caracter excentrico da labrega esposa do Barba Azul e detalhou primorosamente, todos os *couplets* com aquella fina arte que a fazem maravilhosa nas *chansonettes* francezas.

Amelia Barros foi a magnifica Titina que todos teem applaudido na Trindade e Amelia Avelar surprehendeu-nos agradavelmente pelos progressos feitos, cantando excellentemente e dizendo muito bem todo o papel de princeza a que prestou todo o encanto da sua gentileza de mulher.

Os curiosos houveram-se todos muito bem, considerados como amadores: a peça muito bem ensaiada por Leopoldo de Carvalho, a musica excellentemente dirigida por Antonio Duarte.

O *Reino das mulheres* que no anno passado teve um grande succeso em Paris, sobre tudo um succeso de *piéce á femmes*, e que o sr. Souza Bastos traduziu e poz em scena no theatro da Rua dos Condes não é uma novidade para Lisboa.

Esta peça nova é uma peça velha, é o antigo *Mundo as avessas ou o reinado das mulheres (la Reine Crinoline)* que ha cerca de 12 annos se deu no antigo theatro do Salitre e que Ernesto Blum e Raul Toché amodernisaram no anno passado para um theatro de Paris fazer d'ella *reprise*.

No *Reino das mulheres* o que ha principalmente de engraçado e de original é ser positivamente o mundo ás avessas: as mulheres tomando na vida os papeis dos homens, e os homens os das mulheres.

Esta novidade dá um grande exito ao primeiro acto, mas como nos actos seguintes a peça não tem enredo que interesse, e bate sempre sobre os mesmos effeitos, esfria um pouco e torna-se ligeiramente fatigante.

O *Reino das mulheres* está luxuosamente posto em scena, mas como *peça de mulheres* que é, falta-lhe em Lisboa precisamente isso mesmo — as mulheres.

A empreza bem annunciou no *Diario de Noticias* a pedir boa plastica, mas a boa plastica não se dignou accudir á chamada, e a que apparece na Rua dos Condes deixa bastante a desejar.

No desempenho da peça sobresaem Barbara, Dias, Telmo e Pepa, que apesar de não ter no papel de Ministro da Guerra, o ruidoso successo do *Tim-tim por tim-tim*, é distincta, elegante, e apresenta-se primorosamente vestida.

Na peça ha muitos ditos excellentes, alguns bastante apimentados que fazem rir a bandeiras despregadas os espectadores.

O *Reino das mulheres* é um espectaculo divertido e o que lhe desejamos é metade do successo que teve em Paris.

Gervasio Lobato

ESCOLA PRATICA DE ARTILHERIA

O polygno de Vendas Novas é um estabelecimento destinado á instrucção pratica da arma de artilheria, e por isso a elle concorrem annualmente, e em periodos determinados, grande parte das forças componentes d'essa arma.

Em virtude dos rapidos progressos da artilheria, e nomeadamente depois que começaram de adoptar-se os canhões de grandes calibres, é incontestavel que o polygno não está em relação com o longo alcance d'essas poderosas machinas de guerra, necessitando conseguintemente de maior extensão, a qual, crêmos, terá dentro em pouco.

Mas esta escola não é unicamente um campo de tiro para exercicio de tropas; tambem se executam ali outros trabalhos da maior importancia, como são os balisticos, o que lhe dá na realidade o monopolio dos estudos experimentaes da arma de artilheria.

*
* *

Sem embargo da simplicidade apparente de seu organismo, a bôca de fogo é uma machina tão complexa que, podendo qualquer constructor fazer um apparelho mechanico, nem todos sabem fabricar um canhão.

Para resolver este problema existem decerto excellentes trabalhos, a que se póde recorrer. Assim os de Lamé e do general Virgile permittem ao artilheiro calcular com exactidão a resistencia de uma bôca de fogo e determinar as condições, em que deve ser cintada, para supportar uma dada pressão. Pelos de Noble e Abel, Sarran e Sébert, podemos saber de ante-mão o que produzirá tal polvora empregada em tal peça de calibre determinado, chegando a fabricar-se, sem hesitação, a polvora que convem mais á bôca de fôgo considerada, conseguindo-se fazer variar n'esta as condições de pressão e de velocidade inicial, se fôr modificada a composição a o tamanho do grão da polvora. Os de Helie, Bashforth e Majewski ensinam-nos a seguir sem interrupção o movimento de um projectil no ar, a conhecer a cada instante a posição por elle occupada na trajectoria, o angulo de tiro, a velocidade restante, emfim a determinar pelo calculo todas as condições balisticas de uma bôca de fogo a fabricar.

Apparecem, porém, muitas vezes circumstancias taes, em que os resultados praticos não concordam com os algarismos fornecidos pela theoria; do que naturalmente se infere que, com quanto tenha progredido immenso a sciencia do artilheiro, existem n'ella ainda numerosos pontos obscuros, e por isso continuarão a ser impreteriveis as experiencias nos polygonos, dirigidas habil e conscienciosamente por officiaes que se dediquem em especial aos mui delicados e difficilimos estudos balisticos.

*
* *

Para o nosso paiz ainda é mais economico, e por isso preferivel, importar do estrangeiro as peças de aço, do que fabrical-as, porquanto não só nos falta a materia prima, como careciamos de estabelecer officinas apropriadas, com o que seriamos levados a despender avultadissimas som-

mas. Ora n'estas circumstancias o que nos incumbe é estar em dia com os aperfeiçoamentos, quer annunciados, quer realizados já, do material de artilheria, e mesmo habilitados a prever que tal typo escolhido para o nosso armamento não será provavelmente condemnado alguns annos ou mezes depois da sua entrada no serviço. Convinha então, para auxiliar os nossos estudos, e para com mais segurança se poder aconselhar o governo, quando este se veja obrigado a effectuar uma importante compra de armamento, que possuissemos na escola pratica de artilheria ao menos alguns exemplares de peças de diversos calibres, dos melhores systemas, embóra fossemos, como deveriamos sel-o, muito avaros em empregal-as nas experiencias de tiro. Mais facilmente comprehenderiamos as manobras tão commodas quanto seguras, com que se carregam e fecham hoje as culatras das peças dos maiores calibres, e apreciariamos as transformações radicaes, operadas nos reparos pelo espirito inventivo de Armstrong, Rendel, Vavasseur, Sébert, Farcot, e Canet.

Folgariamos igualmente de verificar no polygono, que os grandes calibres de marinha e de costa furam já uma placa de ferro forjado de um metro de espessura: bem como de vêr construir typos de todas as obras destinadas a resistir á acção do tiro das diversas bôcas de fogo, devendo assistir ás experiencias, a que taes obras se sujeitassem, os officiaes de engenheria, para estudar, discutir os resultados, e colher elementos susceptiveis de aperfeiçoar a arte do constructor.

Importa, é certo, despezas consideraveis a introducção dos melhoramentos, de que necessita a escola pratica de artilheria, para a collocar em condições de serem proficuos todos os estudos que se fazem ali, fóra mesmo das epochas de exercicios.

Não duvidamos um momento, de que ao commandante geral da artilheria, o sr. general Paulo Eduardo Pacheco, sobram desejos de promover o indispensavel desenvolvimento da escola pratica. De sobejo conhece o illustrado general as necessidades d'ella; mas é mister que os poderes publicos se convençam de que certas instituições, quando por mal entendida economia não são convenientemente dotadas, deixam não só de corresponder ao seu fim, mas tornam-se causa permanente de imperfeições e desanimos, que redundam em gravissimo prejuizo do serviço do Estado.

Não sejamos perdularios; em quanto, porém, se não realizar a bella utopia da paz universal, será sempre uma imprudencia cercear os meios reclamados pela instrucção do exercito; e ponderе-se igualmente, que o material de artilheria é um elemento de defeza tanto mais efficaz, quanto melhor elle fôr na sua qualidade, e mais competencia tiverem aquelles a quem os poderes publicos confiarem o seu uso.

É pelo interesse do paiz, que lealmente expômos á nossa opinião sobre este assumpto; e quem lêsse estas reflexões despretenciosas, seria injusto para comnosco, se levasse á conta de egoismo pugnarmos pela prosperidade da arma de artilheria, a que temos a honra de pertencer. O engrandecimento d'ella não póde, nem deve, excluir o das outras armas, que são suas irmãs no merito e na hombridade, com que servem a nação. Commetteria até um erro imperdoavel, senão um crime, quem beneficiasse qualquer arma com detrimento das outras. O exercito é uma grande machina, cujos elementos constitutivos devem ser igualmente perfeitos, e conservar-se sempre em harmonia, para que ella possa funccionar bem.

* * *

Com quanto o polygono de Vendas Novas esteja ainda muito longe de corresponder ás justas aspirações dos officiaes de artilheria, não afrouxa a boa vontade, a dedicação e o zelo, com que essa corporação desempenha ali os diversos serviços, de que superiormente é encarregada, e augmentam mesmo de interesse, de anno para anno, os exercicios a que concorre. No de 1889, os trabalhos praticos e exercicios, que se effectuaram, foram os seguintes:

Construcção de uma bateria de morteiros; reparação e ampliação das baterias de demolição, a desmontar, de enfiada e de brecha, a fim de se lhes dar desenvolvimento sufficiente para poderem ser artilhadas com quatro bôcas de fogo, cada uma das tres primeiras, e com tres a bateria de brecha; assentamento de plataformas, artilhamento e aprovisionamento das baterias de sitio; traçado e construcção de uma bateria de instrucção, á qual servio de alvo ás baterias de sitio; reparação e ampliação da obra travesada e da obra de fortificação de campanha; obras de fachinagem; trabalhos topographicos e photographicos; reconhecimentos expeditos dos terrenos adjacentes á escola, nos quaes se realisaram exercicios tacticos das baterias de campanha, isoladas ou formando grupo, contra alvos fixos, moveis e de eclipse, e contra a obra de fortificação de campanha; fogo das baterias de sitio contra alvos apropriados, segundo o genero de tiro e os effeitos a produzir; instrucção de tiro com carabina e rewolver; concurso de tiro de premio com carabina para os melhores atiradores; avaliação de grandes distancias e uso de telemetros de differentes systemas; resolução de problemas tacticos; determinação de velocidades iniciaes, angulos de levantamento e pressões em differentes bôcas de fogo.

* * *

Em gravura reproduzimos hoje algumas vistas photographicas de trabalhos e exercicios realisados no proximo anno findo, tiradas com muita proficiencia por officiaes de artilheria.

Representam as nossas gravuras:

Limpeza de gado de uma bateria de campanha em bivaque.

1) Uma bateria de campanha com os serventes na posição de avançar péça.

2) O muro de revestimento da escarpa de um redente, depois da decima-terceira sessão de fogo. Era o alvo contra o qual atirava a bateria de brecha.

3) A bateria de morteiros, que foi projectada e construida segundo o typo de uma bateria allemã de segunda posição, tendo se estabelecido os seus differentes elementos e calculado todas as dimensões, na hypothese de estar a bateria exposta aos fogos obliquos de uma obra travesada, á distancia de 1500 metros. Era artilhada com quatro morteiros de bronze lisos; armamento que não póde deixar de ser substituido, até por assim o exigir o decoro nacional.

4) Uma peça de aço estriada de 15 centimetros, material Krupp, para a determinação da velocidade inicial.

5) Simulação de ruina no material e de perda de pessoal e gado n'uma peça de artilheria de campanha.

6) A bateria de brecha. De tiro mergulhante. Era do typo allemão com desenvolvimento para tres peças de aço estriadas de 15 centimetros, material Krupp.

Para resolver o problema de tiro foram empregadas as formulas do primeiro tenente de artilheria, sr. José Manoel Rodrigues, a fim de achar-se o valor do angulo e velocidade inicial; e para passar do valor da velocidade para o da carga correspondente de polvora prismatica, fez-se uso da formula do primeiro tenente de artilheria, sr. José Nunes Gonçalves.

7) Data de agua ao gado de uma bateria de campanha em bivaque.

Lisboa, 28 de junho de 1890.

Zephyrino Brandão.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOSE AUGUSTO VIEIRA

Para os que lêem mais ou menos e conhecem o movimento litterario do paiz, não é desconhecido o nome de José Augusto Vieira, o auctor do *Minho Pittoresco*, essa monumental obra publicada pelo benemerito editor sr. Antonio Maria Pereira, obra que é a photographia conscienciosa e elegante da nossa provincia do Minho, a monographia mais completa do viver d'aquelles povos, com os seus vetustos monumentos, com as suas sorridentes paizagens, com os seus pittorescos costumes, que tudo Vieira descreve e analysa, com o mais profundo conhecimento, com a mais elegante forma litteraria, com o gosto e finura de um espirito observador e intelligente.

Pois este distincto escriptor de quem tanto havia a esperar, pelo valor do que já tinha feito, finou-se aos 34 annos de edade, n'essa edade forte em que o homem entra na exhuberancia da vida, apto para os grandes commetimentos da lucta pela existencia.

E elle luctou, mas succumbio na lucta.

* * *

Por 1880 completava o curso da Escola Medica, no Porto, um rapaz intelligente que fizera um curso brilhante rematando-o com uma these, em que reunia á parte scientifica, qualidades litterarias reveladoras de um escriptor de raça.

Essa these era *Os nossos vestidos* e quem a firmava era José Augusto Vieira, filho do sr. Antonio José Vieira, e que nascera em Valença do Minho a 14 de julho de 1856.

Fôra condiscipulo do sr. Ricardo Jorge, Korth, Tito Fontes, Ernesto Cabrita e outros vantajosamente conhecidos.

José Augusto Vieira principiou a sua clinica como cirurgião militar, chegando a cirurgião-mór do exercito e fazendo ultimamente serviço na guarda fiscal.

Sem descurar a clinica, estando em dia com todas as novidades da sua sciencia, estudando e dedicando-se ao tratamento dos seus doentes com a maior sollicitude e carinho, ia tambem cultivando as letras com a superioridade que todos lhe reconhecem.

Pouco depois da publicação da sua these *Os nossos vestidos*, publicava José Augusto Vieira as *Phototypias do Minho*, delicioso livro de cantos, rendilhado em primores de linguagem e de rara observação. Depois publicou *A Divorciada*, romance naturalista, que mereceu a critica de Camillo Castello Branco, e dispersos em varios periodicos, como *A Folha-Nova*, *A Era Nova*, *A Revista dos Estudos Livres* e outros, alguns primorosos contos ou pequenos romances, como *A Doença de Mimi*, *Um par de luvas*, *De marçano a commendador*, etc.

A sua obra porém, de maior vulto, aquella que vulgarisou mais o seu nome, a que mais o distinguio entre os modernos escriptores portuguezes, foi o *Minho Pittoresco*, a sua adorada provincia, que elle estudou em todas as suas feições, eternisando no livro os feitos, as glorias, as bellezas d'aquella parte de Portugal, porventura a mais importante do paiz.

Se elle não houvera escripto outros livros, este seria o sufficiente para que o seu nome figurasse entre os mais distinctos escriptores do nosso tempo, e é por isto mesmo que a sua perda se torna mais sentida no nosso mundo litterario, onde tão grandes perdas se tem dado ultimamente.

José Augusto Vieira tinha preparado grandes estudos sobre a provincia de Traz-os-Montes, de que tencionava escrever tambem uma obra, a vida, porém, faltou-lhe antes que elle realisasse a sua tenção e que a litteratura portugueza contasse mais um bom livro.

Foi no dia 13 do corrente que uma tisica galopante o arremessou cruelmente para o tumulo, deixando na viuvez sua esposa e na orphandade uma filhinha de oito annos.

Que ao menos sirva de lenitivo á magoa dos seus, as sentidas phrases com que a imprensa tem registrado tão deploravel perda, phrases a que nos associamos com a nossa homilissima homenagem.

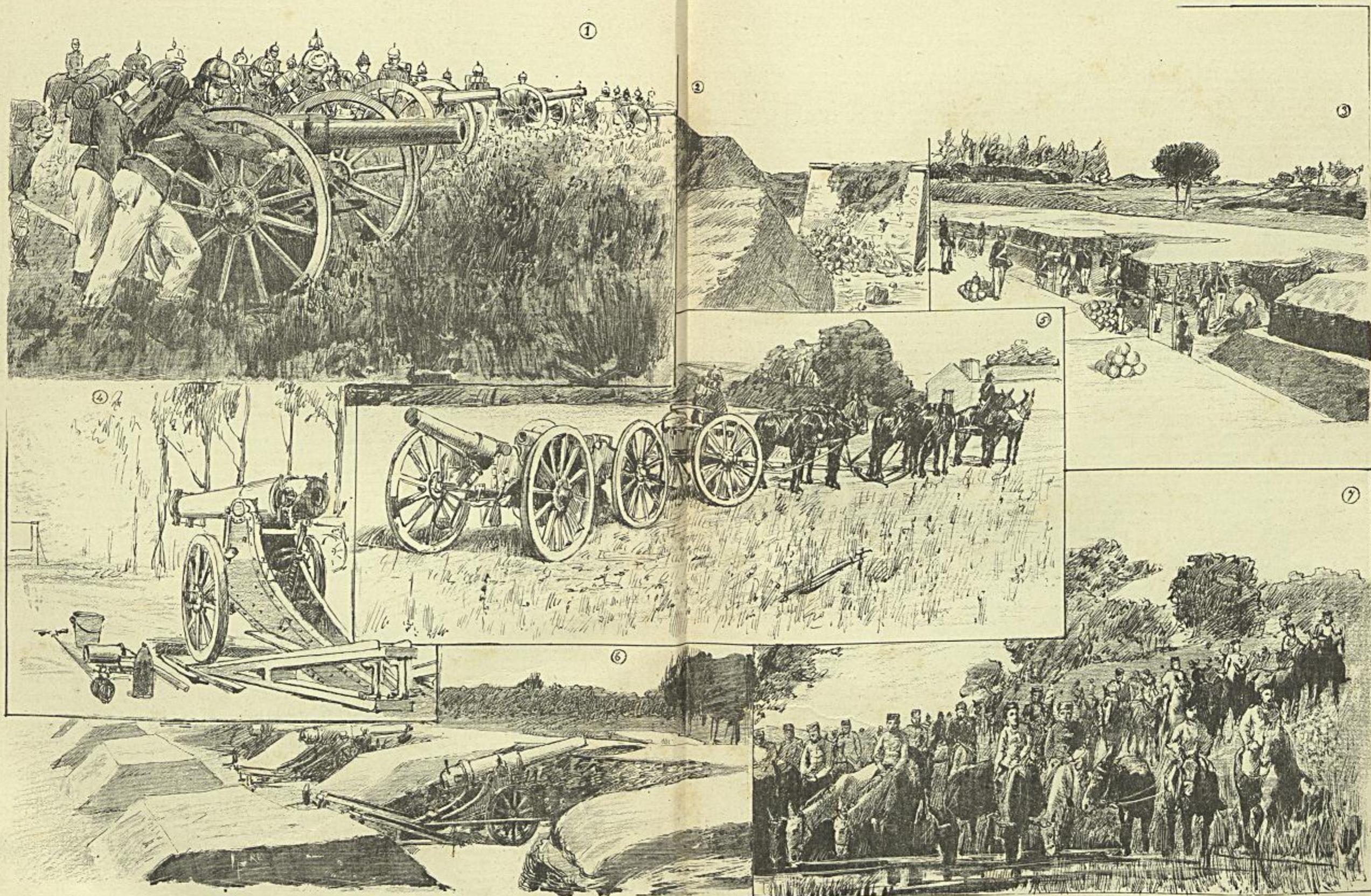
HISTORIA DO INFANTE D. DUARTE [1]

PARTE O INFANTE DO CASTELLO DE GRATZ PARA O DE MILÃO

(Excerpto)

Chegou finalmente o dia dezesete de julho destinado á partida, que o infante esperava fosse a quinze, e tudo se apestou para a viagem. Amanheceu e conservou-se escuro esse dia, como se vestisse lucto pela sua triste sorte; e a chuva cahiu em torrentes; mas, não obstante, a multidão era tão densa que difficilmente se conseguia atravessal-a. Movidos de compaixão, pela desventura de tão grande principe, ou levados pelo conhecimento ou fama das suas boas qualidades e maneiras, todos os habitantes da cidade, fidalgos e plebeus, correram a vel-o, e deram-lhe inequivocos signaes de sympathia. Birago, e com elle a *Historia geneologica*, narram que o infante, confiado nos juramentos mais solemnes feitos por Navarro, acreditava não ir para Milão, e que só no fim o soube com certeza, quando na occasião da partida, lhe entrou na prisão o secretario da imperatriz, com a gente armada, para o conduzir

[1] Na secção *Publicações* se dá noticia d'esta excellente obra de que acaba de sahir, dos prelos da Academia Real das Sciencias, o 2.º vol.

ESCOLA PRATICA DE ARTILHERIA EM VENDAS NOVAS

1 Uma bateria de campanha com os serventes na posição de avançar peça. — 2 O muro de revestimento da escarpa de um redente, depois da decima-terceira sessão de fogo. — 3 bateria de morteiros.
4 Uma peça de aço estriada de 15 centimetros, material Krupp, para a determinação da velocidade inicial. — 5 Simulação de ruina no material, de perda de pessoal e gado n'uma peça de artilheria de campanha. — 6 A bateria de brecha. De tiro mergulhante.
7 Data de agua ao gado de uma bateria de campanha em bivaque.

(Segundo photographia)

ao seu destino. Contra esta opinião protesta o proprio infante na sua carta datada a dez de julho, sete dias antes de partir, pois d'ella se conclue que sabia para onde o intentavam levar, e na de quatorze do mesmo mez, na qual até especifica o numero de soldados que o acompanhariam.

Contam os mesmos auctores que o infante, ao entrar Navarro na prisão com os guardas, exclamara: «Seja louvado o Senhor! Exierunt cum gladiis et fustibus, tanquam ad latronem»; o que é uma variante do dito de Christo aos soldados que o prenderam: «Quasi ad latronem, existis cum gladiis et fustibus» [1]. Foram reaes estas palavras, ou apresentam-nos sómente um novo traço do parallelo do infante com o Divino Mestre? Se é uma invenção, cumpre confessar que o não parece, pois, como o duque D. Theodosio, seu pae, elle, ou escrevendo, ou falando, gostava de apoiar as idéas com textos da escriptura sagrada, que lia muito, e já d'isso notámos alguns exemplos.

O prestito ia na ordem seguinte. Primeiro, alguns batedores, com os forrieis e os carros, para descobrirem o caminho, devendo, no caso de se encontrar novidade, tornar atraz um d'aquelles a annunciál-a. Esta primeira parte da comitiva sahiu com meia hora de antecipação. Passada ella, seguiram-se-lhe vinte e cinco cavallos; logo o infante em liteira, cercado de quarenta mosqueteiros, gente escolhida, com os morrões accesos; depois o barão de Stubemberg, o capitão Valderabano e Navarro, todos montados, estes dois atraz do barão; depois um coche, para quando o infante quizesse servir-se d'elle; o capitão com o resto da companhia; e os creados em dois carros á moda do paiz, desarmados, e com quatro soldados de guarda.

Não aponta Navarro, na relação dirigida ao conde-duque, ácerca da viagem do infante, de que vamos extractando o principal d'esta narrativa, qual o numero de soldados que o escoltavam; mas o infante, na sua carta de quatorze de julho, tres dias antes da partida, que já transcrevemos, esperava fossem cem, e Huet, nas suas noticias, confirma o numero, especificando que cincoenta eram de pé, e cincoenta de cavallo. O mesmo disse a Fernando Brandão, em Roma, um dos creados de D. Duarte que ia com elle [2]. Entre os creados contavam-se Luiz Pereira da Costa ou de Sampaio, um chamado Martinho, e um camareiro ou pagem allemão, cuja mãe parece que era de Hamburgo, e a que o infante cingira a espada, havia seis mezes, o qual o acompanhou, posto seu bondoso amo o dispensasse de servil-o, conferindo-lhe um attestado muito honroso, conforme elle merecia. Este criado chamava-se Henrique Peres de Magdeburgo; despediu-o o infante do caminho, dando-lhe um vestido seu, rico, e um seu retrato, e encaminhou-o a Luiz Ramiro, em Veneza, para este o fazer passar d'ahi a Portugal; mas faltando commodidade de o embarcar em Veneza, mandou-o Luiz Ramiro a Roma, onde esteve com Fernando Brandão, e d'onde é provavel seguisse viagem para o reino, pois levava intuito de entrar ao serviço de D. João IV. Segundo o testemunho d'este creado, que é do maior valor, iam tambem com D. Duarte, além do pagem Luiz Pereira de Sampaio, e d'elle, João Pau, Manuel da Costa, camareiro, e João Gonçalves. O seu secretario (João Paulo Seraphim) despediu-o tambem o infante por lhe ter Navarro prohibido partir para Milão, como escrevemos.

Percacho, que levara ao infante um aviso do religioso seu amigo, ultimamente citado, poz-se em logar onde o descobrisse na passagem, e, ao descobril-o, arrasaram-se lhe os olhos de lagrimas. Este Percacho fôra companheiro de Fr. Fernando de la Houe; fôra visto diversas vezes pelo secretario do infante com Luiz Pereira de Sampaio, quando todos os seus creados podiam sahir do Castello de Gratz; e por isso, temendo o infante que o prejudicasse, por o mesmo secretario ficar retido n'esta cidade para averiguações, entregou-lhe um escripto em cifra, com tres linhas sómente, no qual rogava ao dito religioso que o persuadisse a deixar o paiz, o que este executou, pois em breve partiu Percacho com dinheiro seu para Gratz, a juntar-se ao pagem, se ainda alli estivesse, devendo, no caso contrario, encontral-o em Veneza, onde procurariam embarcação para o reino [3]. O pagem seria o de que ha pouco falámos: Henrique Peres de Magdeburgo.

O itinerario do infante descripto por Navarro em pouco se resume. Por algumas indicações, porém, completal-o-hemos, se não verdadeiramente, ao menos com alguma verosimilhança, na parte em que a sua relação nos não ajuda.

Sahido D. Duarte de Gratz, seguiria a estrada que se alongava para o sul, ao lado esquerdo do Muhr, e que, junto á confluencia d'este rio com o Kairack-Boden, passava á sua direita, proximo de Wilthau até Marhburgo, na margem direita do Drave, por onde o caminho se dirigia para oeste, sempre pela dita margem, e onde se encontravam as povoações chamadas Zetitz e Mantheu. Então, deixando o ducado da Styria, pelo qual, até alli, haveria caminhado, e entrando no da Carinthia, continuaria pela mesma estrada, vendo Laramund, ou Lavant, Volkenmark e Clagenfurt; e costearia o norte do lago conhecido pelo nome de mar de Verlen, ficando-lhe atraz Velden e Villach, onde a estrada atravessava o rio para o lado direito, para, em breve, tornar ao esquerdo. Aqui, a proximidade do estado de Veneza infundiu serios receios, sobretudo pela razão muito plausivel de se ter publicado a viagem bastante tempo antes. Por isso adoptou Navarro algumas precauções que suppoz mais urgentes, e, entre ellas, guardar os alojamentos, em que poisavam, com infanteria e cavallaria, e estabelecel-os, a maior parte das vezes, em logares fechados. Depois veria o infante Spinhal, Psorniz, Saxemburgo, Greifemberg e Draaburgo, onde, terminado o condado de Carinthia, entraria nas terras que eram dominio do bispado de Brixen, encontrando logo Lienz, situada não muito distante da nascença do Drave, e Doblak, Braunegen, e Brixen. Por estas terras Navarro caminhou tambem com temor e cuidado, como lhe acontecera na Carinthia, visto ser o limite do dito bispado ao sul egualmente o territorio de Veneza, do qual o caminho pouco distava pelo que empregou as mesmas cautellas. Então, em vez de tomar a estrada que, á direita, conduzia ao Tyrol, e á sua capital, Inspruck, proseguiu o comboio para oeste, e penetrou n'este condado por Botzen, Merau, e Val de Venosla, por onde a archiduqueza Claudia mandara ao barão Curtz, seu commissario para acompanhar o infante, que o introduzisse nos seus estados. Aqui, apartando-se a estrada dos dominios de Veneza, diminuiram os medos de Navarro, e com elles as providencias.

Logo nos começos da viagem, o pagem do infante, Luiz Pereira de Sampaio cahiu doente, o que o obrigou a voltar a Gratz, onde, depois de estar alguns dias, se restabeleceu. Disse-lhe então o governador, o conde de Atristain, que podia ou ir reunir-se a D. Duarte, ou tornar á sua terra, conforme lhe aprouvesse. Agradeceu Luiz Pereira de Sampaio a liberdade que lhe dava, e, como servo fiel, respondeu-lhe que não sahira do reino de Portugal com o intento de acompanhar seu amo só nos tempos felizes, mas tambem nos adversos, além de que, fôra deshonra sua deixal-o em lances tão penosos, nobre resolução, que o conde de Atristain elogiou muito, encarecendo como grande fineza estar uma pessoa livre, e de propria vontade metter-se na prisão por causa de outrem. No dia onze de agosto Luiz Pereira de Sampaio projectava partir com o confessor do infante, o padre Taifol (o que lhe fôra tirado poucos dias antes da viagem) que lhe queriam restituir, do que o infante já tinha promessa, a qual nunca se effeituou. Partindo n'este dia, Luiz Pereira esperava encontrar seu amo ainda em Inspruck, por onde erradamente conjecturava que elle passaria, pois a comitiva, pelas informações que recebera, marchava com grandes vagares [1].

Com effeito houve alguns, e houve até quem attribuisse a sua causa a doença do infante. Correu mesmo esse boato, e Duarte Nunes da Costa soube-o, e participou-o a Gaspar Fernandes de Leão, que o communicou ao conde da Vidigueira. Segundo os termos da participação, deprehende-se que o pobre principe já andava enfermo antes de sahir de Gratz, porque se conta na mesma que os hespanhoes tentavam disfarçar a sua tyrannia, allegando que os medicos lhe aconselhavam a mudança de ares [2]. Da carta de Navarro ao conde-duque não consta coisa alguma a semelhante respeito. Julgamos, por conseguinte, ou que o boato foi falso, ou que, se o infante esteve doente, foi ainda em Gratz, ou que, se foi posteriormente, o secretario da imperatriz, pela sua insignificancia, não se fez cargo de noticial-o, não diremos por affeição, mas ao menos para escusar a tardança com o valido de Filippe IV.

Outra causa da demora aponta-a Navarro, e bem diversa. Escrevera Navarro a Luiz de Paniza, governador do forte hespanhol de Fuentes, que ficava situado mesmo nos confins do Milanez, pela parte da Valtelina, avisando-o da sua marcha, e de como a dez de agosto se acharia no limite d'este estado e do Tyrol, para que o dito official, em virtude das ordens recebidas do governador de Milão, o conde de Siruela, ahi o esperasse com a sua gente, e tomasse conta do preso. Respondeu-lhe Luiz de Paniza, que não poderia chegar ao sitio marcado senão a quatorze; que se lhe tornava forçoso torcer o caminho, passando pela Enguediva, e que iria até Ponte Martin, onde, no meio do campo, se faria a entrega de D. Duarte. Recebendo Navarro esta communicação, foi entretendo o tempo com jornadas curtas, para não esperar na raia da Grisonia, e a doze entrou em Nauderich, donde despachou um correio ao encontro de Luiz de Paniza, pedindo-lhe que se apressasse. Tornou o correio sem noticia d'este, mas trazendo-lhe uma carta do conde Francisco Casate, embaixador de Filippe IV, no mesmo paiz em que lhe participava que Paniza sómente chegaria á raia a vinte.

Durante a viagem, talvez n'esta conjunctura, pois é a que offerece mais azo para isso, pela paragem de tres dias que o comboio teve em Nauderich, o infante escreveu, assevera-se, a um ministro do imperador, a carta que traz Birago e D. Antonio Caetano de Souza, datada de seis de agosto, e a que já nos referimos, a respeito dos seus serviços e da sua prisão. Na correspondencia do nosso ministro no congresso de Munster, Luiz Pereira de Castro, vem uma copia d'ella, da lettra de Taquet, que este lhe enviou, dizendo-lhe que era do infante e originalmente em italiano. Apezar d'isto, não a acreditamos da penna do principe portuguez. Tornam-o improvavel, se não impossivel, o assente do estylo, differente de todas as outras suas que conhecemos, a placidez de phraze e raciocinio que a distinguem, precisamente quando o seu animo luctava com tantos temores, incertezas e perigos, e a sua muita extensão (sete paginas e meia da obra de Birago), ao que se deve juntar ser escripta n'aquella lingua, e de tal modo, pelo menos na dita obra, que pouco ou nada se differença do resto d'ella; e tudo isto na situação em que o infante se achava, guardado de perto, visto a miudo pelos seus perseguidores, e quiçá mesmo sem as commodidades materiaes para escrever tão longo documento. Quando muito, esta carta será ampliação de outra, breve, que então elle fizesse, e aperfeiçoasse depois, elle, ou mais naturalmente Taquet, ou Birago, dando-lhe a forma de quasi um manifesto, para servir na assemblea de Munster, que para isso foi enviada por Taquet, o qual lhe assigna a mesma qualificação. D. Nicolau Fernandes de Castro não acredita que seja do infante [1].

(Continúa) *José Ramos Coelho.*

[1] *Evangelho de S. Lucas*, Cap XXII, versiculo 52.

[2] Bib. Nac. Mss., O. 5, 19. Carta de Fernando Brandão ao conde da Vidigueira, de 7 de setembro de 1642.

[3] Arch. Nac. da Torre do Tombo, Casa O, Caixa 7, Tomo 4 B, pag. 621, Carta de (D. Damaso?) a Duarte Nunes da Costa, de [illegible]4 de julho de 1642.

Bib Nac., Mss., O. 5, 19. Carta de Fernando Brandão ao conde da Vidigueira, de 7 de setembro de 1642.

[1] Arch. Nac. da Torre do Tombo, Casa O, Caixa 17, Tomo 4 B, pag. 619, Carta de Luiz Pereira (o padre?), de 10 de agosto de 1642, Mss.

[2] Bib de Evora, Mss., 106, 2, 1, Carta do conde da Vidigueira a Gaspar Fernandes de Leão de 20 de setembro de 1642.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXI

Chegou á casa da guarda e impavido ia a entrar por ali dentro sem dar satisfações a ninguem.

—Alto lá, gritou a sentinella tomando-lhe o passo.

—O que é? perguntou o Dominguinhos admirado da ousadia do soldado.

—Onde vae o senhor?

—Vou soltar o Quim; respondeu o Dominguinhos com grande entono, todo cheio da magnitude da sua missão salvadora.

—Quem?

—Vou soltar o Quim, repetiu elle, estranhando muito que aquelle filho de Marte não se affastasse logo a abrir-lhe caminho ás suas generosas palavras.

—Nada de cantigas, disse a sentinella com profundo desdem pela missão augusta do Dominguinhos; arreda!

—Senhor!

—Arreda, arreda...

—Eu venho cumprir uma missão generosa.

—Arreda já disse, insistiu o municipal avançando para elle com a coronha da arma já preparada para arremeter.

—Não arredo. Jurei soltar o Quim, hei de soltar.

—Ah! sim? Então o amigo quer entrar?

—Quero e heide entrar.

—Pois então entre, disse o municipal.

[1] *Portugal convenzida con la razon...*

E pegando-lhe brutalmente por um braço, atirou com elle para a casa da guarda como quem atira com uma sardinha para uma canastra, dizendo ao mesmo tempo:

—Agarrem lá esse melcatrefe.

O Dominguinhos entrou por ali dentro aos rebollões, sem saber de que terra era e achou-se no meio de tarimbas, de espingardas, de mantas e de soldados.

O Quim estava lá sentado a um canto cabisbaixo, triste, chorando a sua triste sorte.

Ao ver o Dominguinhos porém, imaginou que elle vinha até ali continuar o seu duello a sôcco, prolongar a sua sova, e dando um salto metteu-se debaixo da tarimba a gritar como um damnado:

—Accudam-me! Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei! Ai! que me matam!

O cabo da guarda que estava n'um cubiculo ao lado, a fazer a parte da occorrencia, ao ouvir aquella bulha levantou-se espantado e veio ver o que aquillo era.

E viu o Dominguinhos que nunca tinha visto mais gordo, a esbracejar no meio de quatro soldados que o agarravam, sem saberem muito bem porque, mas simplesmente porque elle tinha entrado por ali dentro aos trambulhões e porque o outro, o Quim, se pozera a berrar como um possesso apenas o vira.

—Que demonio vem a ser isto? perguntou o cabo

—E' este homem que me quer matar, explicou o Quim lá de baixo da tarimba.

—Matal-o, eu! protestou energicamente o Dominguinhos. Eu que venho para o salvar.

—Mas quem é você? interrogou o cabo da guarda, voltando-se para o Dominguinhos.

—Era o adversario d'aquelle homem, era e sou, mas n'este momento o adversario desappareceu e quem está aqui é o salvador.

—Salvador?

—Sim senhor.

—Salvador de que?

—Salvador d'elle.

—Salvador d'elle. D'elle não é appellido.

—Do Barradas.

—Ah! é Salvador Barradas?

—Do... do... do Barradas, explicou o Dominguinhos, não percebendo a confusão que reinava no espirito do cabo ácerca da palavra Salvador.

—Quantos annos tem?

—Dezoito.

—E' casado, solteiro ou viuvo?

—Sou solteiro, mas o que tem o senhor com o que eu sou?

—Responda e não pergunte. Eu pessoalmente, como homem não tenho nada, militarmente, como cabo, tenho tudo. Onde mora.

—Na calçada do Caldas.

—Tem pae?

—Tenho.

—Tem mãe?

—Tenho.

—Vivos?

—Já se vê que sim, porque se elles não vivessem não os tinha eu.

—Nada de sentenças. Cale a bocca.

—Mas...

—Cale a bocca já disse.

—Eu vinha aqui ..

—Ah! não se cala?... O' 27, ó 36..

Dois dos quatro robustos municipaes que o tinham agarrado avançaram para elle.

—Estou calado, estou calado, disse logo o Quim que já lhes experimentára os pulsos herculeos.

—Então você vem aqui para maltratar o preso! hein? continuou o cabo.

—Não senhor, não vim aqui como adversario, já disse, vim como salvador.

—Mau! que é Salvador já eu sei, mas isso não tira nada! Você veio aqui para o aggredir.

—Não senhor...

—Veio tal, veio tal, confirmou lá de baixo da tarimba o Quim. Veio a correr atraz de mim pelo passeio fóra e foi até por isso que atropelei aquelle respeitavel militar que estava de sentinella.

—Ah! então isso é rixa velha? Vamos lá a saber o que lhe fez a você, seu badameco, a este senhor?

—Badameco! repetiu indignado o Dominguinhos. Eu não admitto que me insultem.

—Importa-me lá que admitta ou não. Heide chamar-lhe o que quizer, porque eu aqui represento a lei, ouvio?

—Ouvi sim senhor, mas eu lá fóra protestarei

—Pois sim lá fóra proteste á sua vontade, mas hade comer algum pão antes de estar lá fora.

—Hein?

—O amigo d'aqui vae para o Carmo, do Carmo vae para a Boa-Hora, da Boa-Hora vae para o Limoeiro.

—Mas...

—E do Limoeiro talvez vá para a Costa d'Africa, já vê que tem muito pão que comer antes de estar lá fora.

—Mas que mal fiz eu? perguntou o Dominguinhos começando a sentir-se succumbir ante essa negra perspectiva.

—Isso não é comigo, é com os tribunaes.

—Eu não entrei aqui como criminoso!

—Pois sim, não entrou aqui como criminoso, mas sae como tal e eu já lhe vou fazer a parte.

—E carregue-a bem, carregue-a bem, senhor cabo, recommendou o Quim sempre debaixo da tarimba.

—Tratante! eu que vinha para o salvar! resmungou irado o Dominguinhos sentindo muitas cocegas de avançar para debaixo da tarimba e de dar uma coça real no seu adversario.

—Socegue, que fica por minha conta, disse o cabo dirigindo-se para o seu nicho, e ordenando antes aos seus soldados:

—Agarrem-n'o bem e se elle se fizer fino, carga!

Os soldados agarraram o Dominguinhos e o cabo sentou-se á meza a fazer a parte.

Lá no meio, quando chegou a occasião de dizer o motivo da captura mandou chamar o preso.

—Porque está você preso?

—Eu não sei.

—Ah! não sabe?

—Não senhor.

—Eu é que heide saber. Anda cá ó 27!

O 27 appareceu.

—Porque está este homem preso?

—Eu não sei.

—Tambem não sabes?

—Não senhor.

—Mas então como veio elle parar aqui?

—Foi a sentinella que o atirou para dentro, dizendo: «Agarrem lá esse melcatrefe.»

—Então vae tu lá pegar na arma e a sentinella que venha cá.

D'ali a nada veio a sentinella.

—Porque está este homem preso?

—Porque quiz entrar á força na casa da guarda!

—Ah! elle quiz entrar á força?

—Sim senhor!

—E' falso...

—Ah! ainda em cima desmente a auctoridade. Espera que já te arranjo.

E foi dizendo e escrevendo:

«Preso por querer violentar o posto da guarda do Passeio publico do lado...

—De que lado é este posto? perguntou o cabo ao soldado.

—Eu não sei, meu cabo·

—Tambem vocês não sabem nada. Pergunta lá ao 36.

O soldado perguntou.

—O' 36? De que lado é este posto?

—Qual posto?

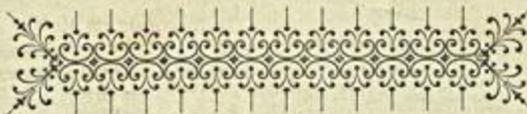
—Este posto de guarda?

—Não sei.

—E' do norte! E' do norte! disse o 27 que ficara provisoriamente de sentinella, mas que estava de ouvido á escuta.

—E' do norte? Isto é uma trapalhada, comentou o cabo. Outro dia estava lá em baixo na outra porta, era porta do sul, agora esta é do norte: E' uma confusão, assim nunca uma pessoa sabe ás quantas anda. Deviam ser todas do norte ou todas do sul.

(Continúa)

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

A moda é tudo na nossa existencia. O vestuario, a alimentação, a clinica, a arte, o culto, a guerra, emfim todas as grandes cousas e todos os pequenos nadas que constituem a vida, pela moda se regem e para que nada escapasse á caprichosa deusa até a politica lhe presta obediencia, accedendo ás suas exigencias como a mais requintada *cocote*.

É isto e não pode ser outra cousa.

A moda metteu-se na politica, e em vez de exigir dos estadistas, dos legisladores, idéas, aperfeiçoamento das leis, medidas que desenvolvam a riqueza da nação e façam a felicidade do povo, passou a exigir-lhe unicamente discursos bonitos, eloquentes, inspirados, sonoros como a harpa de David, encantadores como o canto da sereia·

E senão digam-nos que outra coisa é essa com que os jornaes estão enchendo os seus artigos de fundo e os seus noticiarios, embasbacados ante a oratoria parlamentar, todos a turybular os oradores como quem nunca ouvira aquillo cá.

Não conhecemos nada mais devertido no actual momento, do que manosear os jornaes e lêr os elogios que publicam aos discursos do sr. ministro fulano do sr. deputado, sicrano, um portento de dialectica, uma elevação de estylo, uma força de argumentação que é de vencer os espiritos mais obtusos se estes podessem comprehendel-os, as maiores cabeças de burro se estas tivessem entrada no parlamento.

Sim isto é moda, é por força moda, porque d'outra forma não se comprehende que os dignos parlamentares estivessem a deitar os bofes pela bocca fóra, a fazerem prodigios de eloquencia, a gastarem as flores mais bellas da sua rhetorica, para se convencerem uns aos outros de que *o preto é preto, porque o preto não é branco.*

Porque afinal se todas estas maravilhas de eloquencia, se produzissem para fazer triumphar uma lei sabia e justa, ou para derrubar ou salvar uma situação perneciosa ou util comprehendia-se facilmente o seu alcance pelos effeitos que produzia, mas gastar tão grande cabedal oratorio, para convencer a opposição de que deve approvar os 6% addiccionaes, quando afinal de contas lá está a maioria que os approva quer elles fossem discutidos quer não, e isso basta para se converterem em lei, todos concordarão que é uma verdadeira estupada.

Se a opposição fez brilhantes discursos para mandar de presente ao diabo os taes 6% addicionaes, foi ingloria a batalha porque estafou a sua rhetorica e ficou vencida. Se o governo e a maioria empenhou a sua mais selecta eloquencia foi por galanteria porque de restos abiaquea victoria era sua, ou ella não fôra governo e maioria.

D'isto só se póde concluir que todos se bateram por amor da arte, e nada mais.

Já lá vae o tempo em que os grandes oradores derrubavam ministerios, chamando a si as maiorias convencidas pelo seu verbo inspirado.

Hoje, no nosso parlamento não ha oradores que convençam nem vençam, porque as maiorias vão feitas de encommenda, e de ha muito que nos não lembra de um ministerio cahir por lhe faltar maioria na camara, o que não tem impedido de cahir por lhe faltar maioria no paiz.

N'isto vae a decadencia parlamentar, que todos lamentamos como o mais fonesto symptoma da decadencia das instituições.

Ainda mal vencida a campanha dos 6% addiccionaes, outra se levanta sobre o monopolio do tabaco.

Esta é d'aquellas que não devia soffrer discussão; todos estão convencidos que o monopolio é um attentado contra a liberdade de industria e de commercio.

Sim, todos estão convencidos d'isto, governo e opposição.

Entretanto tem chuvido discursos para provar as maravilhas do monopolio e vice-versa.

A habilidade só consiste em provar essas maravilhas, porque para provar o contrario não é preciso habilidade nenhuma.

A habilidade só consiste em achar hoje bom o que em 1887 era mau, sempre o foi e será até a consummação dos seculos e dos monopolios.

Mas como a moda estabeleceu que para se ser ministro basta ser orador, a eloquencia vencerá a sciencia, e voltaremos ao cigarro brejeiro, amortalhado em papel cartucho sarapintado de amarello, de levar coiro e cabello das nossas pobres guellas, se ellas tivessem d'isso.

A necessidade é inimiga da virtude, e para os grandes males outros ainda maiores.

Para occorrer ás necessidades do thesouro, priva-se o paiz d'uma industria e d'um commercio, em que muitos podiam livremente empregar a sua actividade e os seus capitaes.

E não nos referimos com isto só ao monopolio d'hoje senão tambem a *regie* que o monopolio vem substituir.

Mas porque somos contrarios á *regie*, não podêmos approvar o monopolio, como não approvamos monopolio algum, e é esta a opinião geral, apesar da imprensa e do parlamento ter antes tratado mais das cifras e das negociatas que o monopolio póde produzir.

Nós não podemos deixar de lamentar que o sr. ministro da fazenda, não encontrasse nos recursos da sua sciencia economica, outra nova fonte de receita que esta tão anthypatica, do monopolio.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Camillo Castello Branco. — A respeito da morte do eminente escriptor, encontramos na correspondencia de Lisboa para a *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, escripta pelo nosso querido amigo e illustre collaborador do Occidente o sr. Monteiro Ramalho, o seguinte trecho, que é uma justa apreciação do grande vulto que a litteratura portugueza acaba de perder :

A imprensa portugueza repercute, n'uma voz geral de magoa, o echo doloroso d'esse tragico acontecimento, enlutada e entristecida pela quéda do singular homem de genio que, com o seu continuo esforço creador, elevou a uma prodigiosa altura a sua obra colossal — como se, n'uma desoladora previsão do futuro, quizesse pôr um inexcedivel remate na civilisação caracteristica do seu paiz.

Não foi talvez o suicidio, o banal tiro de revólver fazendo saltar um cerebro que produziu mundos de pensamento e de fantasia, não foi esse desenlace procurado pela mão tremula de um velho, para a sua existencia aggravada de excessivas torturas, o que maior espanto causou ; porque, embora constitua um exemplo terrivel de desalento, o acto de fatal desespero, que libertou Camillo Castello Branco de uma vida de soffrimentos cada dia mais exacerbados, impõe-se ao respeito dos mais fortes, dos mais satisfeitos, e dos mais confiantes, como um acto de raciocinio supremo, lucido e heroico na destruição do ser invalido.

O grande assombro e a grande dôr, que todos confessam abertamente, no clamor de sinceridade que se faz perante uma calamidade d'esta ordem, procedem sobretudo da consciencia do vacuo angustioso, que começou a abrir-se na atmosphera intellectual da patria portugueza quando as enfermidades e a cegueira foram inutilisando o extraordinario poder de trabalho do glorioso escriptor, e que a morte agora tornou de todo evidente, até ao mais saudoso desconforto e a uma sensação indefinivel de abandono.

De um extremo ao outro do paiz corre novamente a fama illustre do seu nome, com o reganho de popularidade que lhe dá a desventura sinistra do passamento ; e a sua gloria remoça na alma grata d'esta geração orvalhada de intimos prantos, devidos sómente áquelles que, semeiando a consolação das idéas, souberam recolher a sympathia collectiva dos contemporaneos.

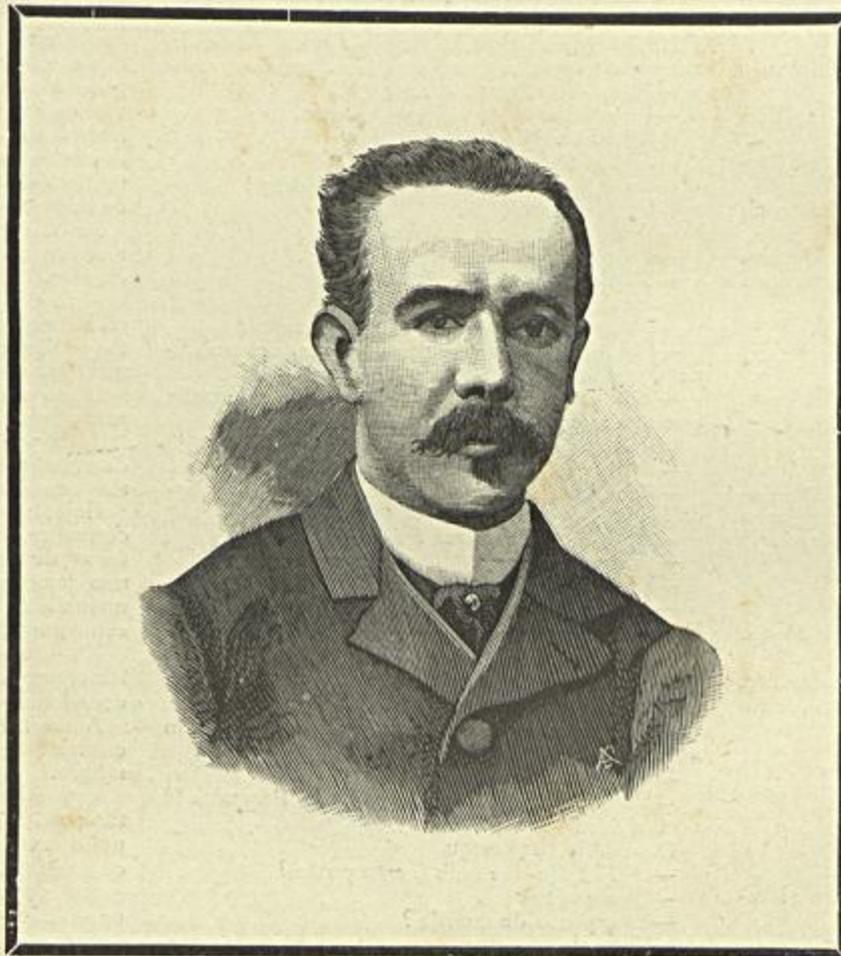
Sob córos tocantes de applausos, a obra sem par de Camillo Castello Branco por todos é relembrada, n'este melancolico momento de pezar e de justiça.

E todos vão citando — como se desfiassem o rosario monumental da sua celebridade, — os duzentos volumes que deixou a sua fecundidade pasmosa, os admiraveis livros, illuminados de talento, recheiados de qualidades de observação, de graça, de sentimento, e de ironia, que irmanariam Camillo com Balzac, e com Cervantes, e com Heine, se elle não tivesse a mais a eloquencia fulgurante do seu estylo, ligando ao mesmo tempo no seu excepcional organismo os dons infernaes e divinos d'um mystico e d'um sarcasta.

E, na unanimidade de amor enthusiasta ou indulgente, com que todos se referem ainda aos alternados periodos de extravagancia e de infortunio, de lucta, de aventuras e de victoria, de desfallecimentos e de coragem, da vida tão agitada de Camillo Castello Branco ; na communicativa tristeza com que todos acompanham na hora da morte, até ao socego do tumulo, os restos d'aquelle singular homem de genio, notam-se indicios tremendos, os symptomas de uma verdadeira orphandade do espirito nacional !

Bem cruel se está mostrando este tempo, com effeito, para a terra inconsolada de Portugal, insultada já pelo atrevimento do estrangeiro, desajudada, cada vez mais, de energias vitaes, e ceifada lentamente dos seus homens mais eminentes, que não deixam atraz de si senão o nada pavoroso da sua sombra...»

Escolas Industriaes. — O resultado dos exames feitos pelos discipulos d'estas escolas é em geral satisfatorio e promettedor, muito especialmente da escola de desenho industrial *Domingos Sequeira*, em Leiria.

N'esta escola houveram 137 exames e 136 approvações, sendo premiados com dinheiro 6 alumnos, com diplomas 21 e com destincção 20. Os exames versaram sobre geometria, ornamento, figura, pintura applicada á industria de impressão de tecidos e de papel, applicações do dezenho ás officinas de lavoures, carpinteria e torneiro. O ensino de geometria, ornamento e figura foi dirigido pelo professor sr. João Ribeiro Christino da Silva, e o de pintura pelo professor suisso sr Bielmam.

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA — Fallecido em 13 do corrente

(Segundo uma photographia do photographo amador, sr. Augusto Lamarão)

Tinham-se matriculado n'esta escola 92 alumnos dos quaes só 66 fizeram exame.

Os resultados não podem ser mais animadores, no que se deve attender ao zelo, dedicação e excellente methodo de ensinar do professor sr. Christino coadjuvado pelo sr. Bielmam. O meretissimo inspector d'estas escolas o sr. F. da Fonseca Benevides, porpôz este anno o sr. Christino para receber o premio annual de 100$000 estabelecido para cada uma das circumscripções, proposta que com toda a justiça foi approvada, pelo que felicitamos o nosso bom amigo e antigo callaborador do Occidente sr. J. R. Christino da Silva.

O sr. Christino foi tambem auctorisado a installar, n'uma das salas do convento da Batalha, uma succursal da escola de Leiria, para ensino dos canteiros que trabalham na conservação do mosteiro da Batalha.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Historia do Infante D. Duarte *irmão de El-Rei D. João IV* por José Ramos Coelho socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e da Real Academia de Lucca, socio do Instituto de Coimbra e socio honorario do gabinete Portuguez de Leitura do Maranhão. Obra fundada em numerosissimos documentos e com desenhos do architecto milanez o sr. Lucas Beltrami e phototypias do sr. Carlos Relvas. Tomo II, Lisboa por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1890. Tomo de 898 paginas in-8.º, 1 de erratas e 1 com o catalogo das obras do mesmo auctor. Com este tomo concluio o sr. Ramos Coelho a *Historia do Infante D. Duarte*, tendo publicado o primeiro tomo ha cerca de um anno. Não repetiremos agora o que dissemos por occasião de recebermos o tomo I com que o seu auctor muito amavelmente nos brindou. O segundo tomo completa esta obra que a Academia Real das Sciencias justamente apreciou e mandou imprimir, como um trabalho historico da mais alta importancia.

E de facto, sabendo-se o quanto a vida do Infante D. Duarte se liga á restauração da independencia de Portugal, a ponto de ser o infante uma das victimas mais sympathicas sacrificadas por essa independencia; sabendo-se da enorme intriga que este facto envolveu e em que tomaram parte a Hespanha, a França, a Allemanha, a Austria, a Italia etc. que importa a historia de uma das épocas mais interessantes da nacionalidade portugueza, póde bem calcular-se a importancia d'esta obra, onde a historia é escripta conscienciosamente e documentada com documentos authenticos, colhidos no archivo nacional e nos estrangeiros, muito especialmente na bibliotheca de Milão, onde o sr. Ramos Coelho os foi copiar com o amor da verdade e com o criterio do historiador.

A *Historia do Infante D. Duarte* que a Academia acaba de publicar é o estudo historico mais importante mais serio, mais consciencioso, que tem vindo a publico n'estes ultimos tempos, em que tão poucos escriptores se entregam aos trabalhos de envestigação e reconstrucções historicas entre nós.

E' ardua a tarefa e nem sempre o auctor vê o seu trabalho justamente premiado. O vulgo pouco aprecia em geral estas escavações em que se consome a vida para eternisar a historia, e que sem estes dedicados obreiros a historia ficaria esquecida, ignorada e apenas dispersa em uns e outros documentos, que poucos conhecem e que ninguem ligaria e criticaria.

É porisso que nós sentimos o maior respeito e admiração pelos que, como o sr. Ramos Coelho, trabalham heroicamente na reconstrucção da historia patria, produzindo obras como a que vimos de nos referir.

Carmem, por Merimée, traducção de Mariano Level. Livraria de Antonio Maria Pereira, Lisboa. Este livro pertence á *Collecção de Antonio Maria Pereira*, uma collecção de livros deliciosos, escolhidos entre os dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros em que a *Carmem* é dos que se lêem com mais interesse.

Revista das Sciencias Militares ; fundada por Antonio Alfredo Barjona de Freitas, capitão do Corpo de estado maior e José Manuel Rodrigues 1.º tenente de artilheria, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Director J. Renato Baptista. Lisboa, n.os 55 56 e 57 do x volume.

Marcenaria Mechanica a Vapor, *privilegiada*, de Pinto Couto & C.ª, Porto. Um catalogo illustrado que mostra grande progresso na marcenaria portugueza pela variedade de moveis que apresenta e pela barateza relativa dos mesmos.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43